

I – INTRODUÇÃO

Este plano de emergência diz respeito às atividades de perfuração e produção de óleo nas unidades marítimas que operam nos Campos de Camorim, Dourado, Caioba, Guaricema e Piranema e nos Blocos BM-SEAL-4, 10 e 11.

A descrição resumida das características das unidades marítimas e das operações realizadas está apresentada nos PEI de cada uma das Unidades Marítimas.

A atividade de perfuração é realizada por Sondas Semi Submersíveis (SS), Sondas Auto Elevatórias (SAE), Sondas Moduladas (SM), Sondas de Produção Moduladas (SPM) e Navios Sonda (NS) especialmente capacitadas para realização de perfurações de poços no leito oceânico.

A atividade de produção é realizada por unidades marítimas tipo Jaqueta e tipo FPSO que recebem a produção de óleo e gás proveniente de poços, e a exportam, após tratamento, por dutos ou por navios aliviadores.

II – IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS RISCOS

II.1 – IDENTIFICAÇÃO DE RISCOS POR FONTE

A identificação de riscos por fonte está apresentada no PEI dos campos e de cada uma das Unidades Marítimas.

II.2 – HIPÓTESES ACIDENTAIS E DESCARGA DE PIOR CASO

As hipóteses acidentais e descargas de pior caso por Unidade Marítima estão apresentadas nos PEI dos campos e de cada Unidade Marítima operando na Bacia de Sergipe-Alagoas.

O Quadro II.2-1 apresenta uma compilação dos maiores volumes esperados por hipóteses acidentais identificadas nas análises de risco das Unidades Marítimas operando na Bacia de Sergipe-Alagoas.

Quadro II.2-1 – Resumo das hipóteses acidentais.

| HIPÓTESE ACIDENTAL | Volume (m³) |
|---|-------------------------------|
| Vazamento durante teste do poço | Até 200 |
| Vazamento por incidentes com o Riser | Até 7.500 |
| Vazamentos em linhas de processo | Até 200 |
| Vazamento durante transferência de petróleo (offloading) | Até 28,5 |
| Vazamento durante transferência de água oleosa | Até 248 |
| Vazamento de diesel durante transferência / abastecimento | Até 10 |
| Vazamento de óleo por embarcação de apoio | Até 500 |
| Vazamento de petróleo de tanque de armazenamento da plataforma | Até 8.770 |
| Vazamento decorrente de diesel, lubrificante, hidráulico e QAV a partir de tanques de armazenamento da plataforma | Até 8 |
| Vazamento em duto de exportação / interligação | Até 264 |
| Vazamento de petróleo decorrente do afundamento de navio aliviador | Até 40.000 |
| Afundamento da plataforma | Até 49.665 |
| Perda de controle do poço de 30 dias | Até 45.000 |
| Perda de estanqueidade no tampão de abandono | Até 200 |

II.2.1 - Descarga de pior caso

As descargas de pior caso para a Bacia de Sergipe-Alagoas são apresentadas para cada atividade, considerando as características e particularidades específicas.

A descarga de pior caso para as atividades em Águas Rasas decorre do descontrole de poço GA-64, por 30 dias, com vazão estimada de 250m³/dia, resultando no volume final de 7.500 m³. Esse poço situa-se no Campo de Guaricema e é representativo da vazão de poços exploratórios e poços de produção surgentes.

A descarga de pior caso para as atividades de produção de gás/condensado em Caioba decorre da perda de estabilidade da embarcação de apoio com maior capacidade, com volume de estocagem de 500m³ de óleo diesel.

A descarga de pior caso para as atividades em Piranema decorre do afundamento da Unidade Marítima FPSO SEVAN Piranema com conseqüente vazamento do inventário de todos os tanques e tubulações, resultando no volume final de 49.665 m³.

A descarga de pior caso para as atividades de perfuração em Águas Profundas decorre do descontrole de poço exploratório tipo, por 30 dias, com vazão estimada de 1.000 m³/dia, resultando no volume final de 30.000 m³.

As modelagens das descargas de pior caso das Unidades Marítimas encontram-se nos seus respectivos PEI.

Entretanto, como a modelagem efetuada para a atividade de perfuração apresentou maior área de toque na costa do que a atividade de produção, esta é utilizada como referência neste plano, conforme Anexo “II.2-2 – Sobreposição das áreas de toque”.

III - ANÁLISE DE VULNERABILIDADE

Para a análise de vulnerabilidade foram considerados os seguintes elementos:

- a) As características da zona costeira na área de influência do empreendimento, considerando as sensibilidades dos seus diversos trechos a derrames de óleo, e;
- b) As modelagens matemáticas probabilísticas do derrame de pior caso, resultantes dos cenários de vazamento de óleo avaliados para as atividades de perfuração de Águas Profundas delimitada pelos Blocos BM-SEAL-10, 11 e 4, considerando os cenários de verão, inverno e de bifurcação para o norte da Corrente Sul Equatorial (OCCAM Norte).

Estes dados foram integrados nos mapas de vulnerabilidade, apresentados no Anexo II.1.5-1 e formam a base para a análise que se segue.

Com vistas análise de vulnerabilidade, a área de influência foi classificada de acordo com a probabilidade de toque de óleo na costa em três faixas: baixa (0-30%), média (31 – 60%) e alta (>60%), considerando os três cenários modelados.

Classificação da Zona Costeira quanto a Probabilidade de Toque de Óleo

A classificação da zona costeira quanto à probabilidade de toque de óleo se baseou na modelagem matemática do cenário de pior caso, que consiste no descontrole de um poço em perfuração (*blowout*) considerando o poço de maior vazão esperada, resultando no vazamento de um volume de 30.000 m³ de óleo.

Foram consideradas três condições para a modelagem e cujos dados de probabilidade de toque de óleo na costa são apresentados abaixo:

a) CENÁRIO DE VERÃO - No cenário de verão (Mapa II.2-1 do Anexo II.1.5-1), a zona que apresenta baixa probabilidade de toque de óleo na costa (0-30%) engloba parte do trecho costeiro dos municípios de Maraú, Ituberá, Nilo Peçanha, Cairu, Valença, Jaguaribe, Vera Cruz, Salvador e Lauro de Freitas, todos no Estado da Bahia, e o norte do município de Pirambu (SE). A zona que apresenta média probabilidade de toque de óleo na costa (31 – 60%) alcança trechos costeiros no sul do município de Camaçari (BA) e no centro-sul do município de Pirambu (SE). O trecho costeiro que apresenta alta probabilidade de toque (>60%) se estende do norte do município de Camaçari (BA) ao município de Barra dos Coqueiros (SE), passando pelos municípios de Mata de São João, Entre Rios, Esplanada, Conde e Jandaíra, no Estado da Bahia, Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy, Estância, Itaporanga da Ajuda e Aracaju no Estado de Sergipe;

b) CENÁRIO DE INVERNO (OCCAM) – Neste cenário (Mapa II.2-2 do Anexo II.1.5-1), a zona que apresenta baixa probabilidade de toque de óleo na costa (0-30%) engloba trechos entre Salvador e Entre Rios, no Estado da Bahia, e os municípios de Jequiá da Praia e Roteiro, no Estado de Alagoas. A zona que apresenta média probabilidade de toque de óleo na costa (31-60%) alcança trechos dos municípios de Esplanada, Conde e Jandaíra, no Estado da Bahia, e norte do município de Coruripe, no Estado de Alagoas. Neste cenário, o trecho de costa que apresenta alta probabilidade de toque de óleo na costa (>60%) se estende desde Indiaroba, no Estado de Sergipe, até o sul do município de Coruripe, no Estado de Alagoas, passando pelos trechos costeiros dos municípios de Santa Luzia do Itanhy, Estância, Itaporanga da Ajuda, Aracaju Barra dos Coqueiros, Pirambu, Pacatuba e Brejo Grande, no Estado de Sergipe, Além de Piaçabuçu e Feliz Deserto, no Estado de Alagoas.

c) CENÁRIO DE INVERNO (POM) – Considerando o modelo POM para Inverno (Mapa II.2-3 do Anexo II.1.5-1), as áreas que apresentam baixa probabilidade de toque de óleo na costa (0-30%) abrangem partes dos

trechos costeiros dos municípios de Igrapiúna, Ituberá, Nilo Peçanha, Salvador, Lauro de Freitas e Camaçari, no Estado da Bahia, e a divisa entre os municípios de Brejo Grande (SE) e Piaçabuçu (AL). A área que apresenta média probabilidade de toque de óleo na costa (31-60%) alcança apenas o trecho costeiro ao sul do município de Brejo Grande (SE). As áreas que apresentam alta probabilidade de toque de óleo na costa (>60%), segundo este cenário, compreende do município de Mata de São João (BA) até Pacatuba (SE), passando por Entre Rios, Esplanada, Conde e Jandaíra no Estado da Bahia, Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy, Estância, Itaporanga da Ajuda, Aracaju, Barra dos Coqueiros e Pirambu, no Estado de Sergipe.

O **Quadro III-1** sintetiza os dados dessa classificação da zona costeira quanto à probabilidade de toque de óleo na costa.

Quadro III-1 – Análise da probabilidade de toque de óleo na costa, considerando o cenário de pior caso, e os cenários modelados para o Verão, Inverno (OCCAM) e Inverno (POM).

| CENÁRIO MODELADO | PROBABILIDADE DE TOQUE DE ÓLEO NA COSTA (%) | MUNICÍPIOS AFETADOS |
|---------------------|---|---|
| Verão | Baixa (0-30) | Maraú, Ituberá, Nilo Peçanha, Cairu, Valença, Jaguaribe, Vera Cruz, Salvador e Lauro de Freitas (BA), Pirambu (SE). |
| | Média (31-60) | Camaçari (BA) e Pirambu (SE). |
| | Alta (>60) | Camaçari, Mata de São João, Entre Rios, Esplanada, Conde, Jandaíra (BA), Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy, Estância, Itaporanga da Ajuda, Aracaju e Barra dos Coqueiros (SE). |
| Inverno (OCCAM) | Baixa (0-30) | Salvador e Entre Rios (BA), Jequiá da Praia e Roteiro (AL) |
| | Média (31-60) | Esplanada, Conde e Jandaíra (BA) e norte do município de Coruripe (AL) |
| | Alta (>60) | Estância, Itaporanga D´Ajuda e Aracaju (SE). |
| OCCAM Inverno (POM) | Baixa (0-30) | Estância, Brejo Grande (SE) e Piaçabuçu (AL). |
| | Média (31-60) | Estância, Itaporanga D´Ajuda, Aracaju, Barra dos Coqueiros, Pirambu, Pacatuba e Brejo Grande (SE). |
| | Alta (>60) | Itaporanga D´Ajuda e Aracaju (SE). |

Considerando a sobreposição dos três cenários, podemos identificar como trecho prioritário aquele que abrange o litoral entre Mata de São João (BA) a Coruripe (AL), onde, em pelo menos um dos cenários, a probabilidade de toque é média ou alta, ou seja, superior 30%.

Análise da Sensibilidade da Zona Costeira

De acordo com os critérios do Índice de Sensibilidade do Litoral (ISL), a maior parte da linha de costa na área em estudo é composta por praias de areia grossa,

média e fina, expostas, o que oferece uma sensibilidade média a baixa aos impactos do óleo (ISL = 4).

Em geral, este tipo de ambiente oferece condições capazes de propiciar a retirada natural do óleo pela ação de ondas no horizonte de poucas semanas. Por outro lado, é preciso levar em conta o fato de que essas mesmas praias são locais utilizados no processo de desova de tartarugas marinhas (ameaçadas de extinção), com maior destaque para a costa dos municípios de Pirambu e Pacatuba (Reserva Biológica de Santa Isabel, Sergipe) e na localidade de Praia do Forte (Mata de São João, Bahia). Apesar destes pontos de maior importância, todas as praias do trecho que apresenta probabilidade média a alta de toque de óleo no cenário do derrame de pior caso são importantes como zonas de reprodução de tartarugas marinhas.

Além disso, a área engloba diversos estuários, que apresentam grande sensibilidade à presença de óleo (ISL = 10). No trecho que apresenta probabilidade média e/ou alta de toque de óleo no cenário de pior caso, estes são:

- Estuário do Rio Pojuca (Mata de São João – BA);
- Estuário do Rio Sauípe (Esplanada – BA);
- Estuário do Rio Itariri (Conde – BA);
- Estuário do Rio Itapicuru (Conde – BA);
- Estuário do Rio Real (Jandaíra – BA);
- Estuário do Rio Vaza Barris (Estância – SE);
- Estuário do Rio Sergipe (Aracaju – SE);
- Estuário do Rio Japarutuba (Pirambu – SE)
- Estuário do Rio São Francisco (Brejo Grande – SE)
- Estuário do Rio Coruripe (Coruripe – AL)

Os estuários são particularmente sensíveis à presença do óleo pelas suas condições físicas, que reduzem as possibilidades da sua remoção pelos agentes naturais como, por exemplo, as ondas. Por esta razão, a recuperação de estuários atingidos por derrames de óleo pode chegar a décadas. O conjunto de estuários listado, em especial pela presença de manguezais, apresenta uma grande importância como áreas de berçário de muitas espécies de peixes e

invertebrados e como zonas de pesca que asseguram o sustento das comunidades ribeirinhas.

Além das áreas litorâneas propriamente ditas, outras áreas que poderiam sofrer impactos associados ao derrame de óleo seriam os bancos lamosos adjacentes às desembocaduras dos rios como Itariri, Itapicuru, Real, Vaza Barris, Sergipe, Japarutuba e São Francisco, que apresentam alta produtividade biológica e sustentam a pesca do camarão com redes de arrasto, que é uma das principais modalidades de pesca praticadas na região. Estas áreas poderiam vir a sofrer impactos associados, principalmente, com o afundamento de frações intemperizadas do óleo, podendo ocasionar, nesse caso, a contaminação de organismos bentônicos presentes nessas áreas.

Tendo em vista as sensibilidades das áreas que apresentam probabilidades médias a altas de toque de óleo na costa no evento de um derrame de pior caso, considera-se que as áreas que devem ser priorizadas na resposta a um evento dessa ordem devem ser, em ordem de prioridade:

- a) Os estuários, particularmente aqueles situados no trecho entre a desembocadura do Rio Pojuca (Mata de São João, Bahia) e Rio Sergipe (Aracaju, Sergipe) devem ser priorizados no primeiro combate ao óleo, visando impedir a sua entrada nestes ambientes. Para tanto deverão ser utilizadas barreiras e outros meios de contenção física que impeçam a penetração do óleo nestes locais;
- b) As praias situadas nos trechos entre Estância e Pacatuba (SE); e Mata de São João e Mangue Seco (BA) são importantes zonas de desova de tartarugas marinhas. A limpeza destas áreas deverá ocorrer de imediato, particularmente se o derrame se der entre os meses de setembro a março, que corresponde ao período reprodutivo destes animais.

Ainda considerando essas áreas como prioritárias para as ações de resposta no caso de derrame de pior caso, é preciso levar em consideração os tempos em que a mancha de óleo alcançaria a linha de costa, levando em conta os três cenários modelados.

IV - TREINAMENTO DE PESSOAL E EXERCÍCIOS DE RESPOSTA

Durante as atividades de perfuração e produção é prevista a realização de treinamento de pessoal (treinamento teórico) e exercícios de resposta (simulado).

IV.1 - TREINAMENTO TEÓRICO

A qualificação pretendida dos coordenadores que compõem a EOR é apresentada no quadro IV.1-1.

Quadro IV.1-1 - Pessoas treinadas que poderão compor as equipes da EOR

| Função | Plano de Emergência para Vazamento de Óleo | IMO I e IMO II (curso básico de combate a poluição) | IMO III |
|--|--|---|------------|
| Gestor Central | X | | |
| Coordenador de SMS | X | | X |
| Coordenador de Ação de Resposta | X | | X |
| Coordenador Financeiro | X | | |
| Coordenador de Comunicações | X | | |
| Coordenador de Relações com a Comunidade | X | | |
| Coordenador de Operações Mar | X | X | X |
| Coordenador de Operações Terra | X | X | X |
| Coordenador de Logística | X | X | X |
| Coordenador do Grupo de Operações da Unidade Marítima | X | | |
| Líderes de Equipe de operações em terra | | X | |

Obs: Os líderes de equipes de operações no mar, comandante, são qualificados para exercer suas funções nas embarcações.

Os treinamentos teóricos são destinados a todo novo integrante da EOR. O conteúdo programático destes treinamentos consiste na apresentação e discussão do conteúdo deste Plano, conforme Quadro IV.1-2, abordando o planejamento das comunicações, ações de resposta, mobilização de recursos e realização de simulados. É o único treinamento aplicável ao Gestor Central e a todos os Coordenadores, já que os conhecimentos técnicos necessários à execução de suas atribuições na EOR são compatíveis com as suas atividades profissionais.

Sempre que houver alteração nos procedimentos de resposta, decorrentes de reavaliação do PEVO, os componentes da EOR envolvidos com os procedimentos modificados recebem novo treinamento.

O pessoal diretamente envolvido nos procedimentos operacionais de resposta ao incidente de poluição por óleo, especialmente o Coordenador de Logística, o Coordenador de Operações no Mar, o Coordenador de Operações em Terra e os Líderes de Equipe, recebem treinamento específico, conforme Quadro IV.1-3.

Recebem também o mesmo treinamento as pessoas que podem ser convocadas para apoio ao plano ou para substituição dos titulares, em caso de impedimento dos titulares ou da longa duração da faina.

Nos Quadros IV.1-2, IV.1-3 e IV.1-4 estão apresentados os conteúdos programáticos e as cargas horárias dos cursos ministrados para o treinamento das equipes que compõem a estrutura organizacional de resposta.

Quadro IV.1-2 - Conteúdo programático e carga horária do curso Plano de Emergência para Vazamento de Óleo na Bacia de Sergipe-Alagoas

| TREINAMENTO NO PLANO DE EMERGÊNCIA PARA VAZAMENTO DE ÓLEO NA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS | | | |
|---|---|--|---|
| Objetivo | Levar ao conhecimento dos Membros da Estrutura Organizacional de Resposta (EOR) na base de apoio em terra as responsabilidades e procedimentos a serem desencadeados imediatamente após um incidente de poluição por óleo. | | |
| Pré-requisito | Nenhum | | |
| Carga Horária | 4 h | | |
| Periodicidade | A cada ano ou quando o Plano de Emergência para Vazamento de Óleo for revisado, incorporando melhorias em função dos simulados ou ocorrência de incidente de poluição por óleo. | | |
| Conteúdo Programático | | | |
| <p>1- Apresentação da Análise de Vulnerabilidade e dos Mapas de Sensibilidade</p> <p>2- Procedimento de alerta;</p> <p>3- Procedimento de comunicação do incidente;</p> <p>4- Procedimentos operacionais de resposta:</p> <table border="1" data-bbox="172 967 1308 1258"> <tbody> <tr> <td> <ul style="list-style-type: none"> – Interrupção da descarga de óleo; – Contenção e recolhimento do óleo derramado; – Coleta e disposição dos resíduos gerados; – Mobilização/deslocamento de recursos; – Registro das ações de resposta; – Contenção do derramamento de óleo; </td> <td> <ul style="list-style-type: none"> – Proteção de áreas vulneráveis; – Monitoramento da mancha de óleo derramado; – Limpeza de áreas atingidas; – Dispersão mecânica e química; – Obtenção e atualização de informações relevantes; – Proteção da fauna; – Proteção das populações. </td> </tr> </tbody> </table> <p>5- Acionamento da EOR</p> <p>6- Planos Estratégicos de Proteção às Áreas Vulneráveis</p> <p>7- Exercício simulado de mesa (<i>Tabletop</i>)</p> | | <ul style="list-style-type: none"> – Interrupção da descarga de óleo; – Contenção e recolhimento do óleo derramado; – Coleta e disposição dos resíduos gerados; – Mobilização/deslocamento de recursos; – Registro das ações de resposta; – Contenção do derramamento de óleo; | <ul style="list-style-type: none"> – Proteção de áreas vulneráveis; – Monitoramento da mancha de óleo derramado; – Limpeza de áreas atingidas; – Dispersão mecânica e química; – Obtenção e atualização de informações relevantes; – Proteção da fauna; – Proteção das populações. |
| <ul style="list-style-type: none"> – Interrupção da descarga de óleo; – Contenção e recolhimento do óleo derramado; – Coleta e disposição dos resíduos gerados; – Mobilização/deslocamento de recursos; – Registro das ações de resposta; – Contenção do derramamento de óleo; | <ul style="list-style-type: none"> – Proteção de áreas vulneráveis; – Monitoramento da mancha de óleo derramado; – Limpeza de áreas atingidas; – Dispersão mecânica e química; – Obtenção e atualização de informações relevantes; – Proteção da fauna; – Proteção das populações. | | |

Quadro IV.1-3 - Conteúdo programático e carga horária do curso Básico de Combate a Poluição.

| CURSO BÁSICO DE COMBATE A POLUIÇÃO | |
|---|---|
| Objetivo | Capacitar Coordenadores de Logística, Coordenadores de Operações no Mar, Coordenadores de Operações em Terra, Líderes de frente de combate e Fiscais de CDA |
| Pré-requisito | Nenhum |
| Carga Horária | 32 h |
| Periodicidade | A cada três anos ou ter participado de simulado ou atendimento a um incidente de poluição por óleo |
| Conteúdo Programático | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Pré-avaliação dos participantes; - A Importância do treinamento; - Lei de Crimes Ambientais, Lei 9605/98; - Lei de Prevenção à Poluição, Lei 9966/00; - Leis Internacionais; - Perigos no combate a poluição; - Sistemas de contenção: barreiras, diques, muretas, etc; - Componentes das barreiras e acessórios; - Uso de barreiras: cuidados e manutenção e reparos; - Técnicas de cerco com barreiras e configurações; - Ancoragem; - Tipos de barreiras: cilíndricas, permanentes, flexíveis, etc; - Condição do mar; - Prática: visualização e posicionamento de barreiras no pátio; - Filme Batalha pela Vida (<i>Dead Ahead: the Exxon Valdez Disaster</i>); - Filme sobre o acidente com o navio Exxon Valdez; - Tabela de seleção de barreiras; - Contenção em terra, no mar e em rios; - Equipamentos de recolhimento <i>skimmers</i>; - Prática: bombas e recolhedores e visualização no pátio; | <ul style="list-style-type: none"> - Tipos de recolhedores; - Tabela de seleção de escolha de recolhedores; - Bombas de sucção; - Uso em <i>Oil Spill</i>; - Influência das condições meteorológicas no combate; - Limpeza em terra técnicas; - Prioridades, Estágios da Limpeza Química e Biorremediação; - Dispersantes no combate à poluição; - Resposta a um derramamento; - Análise da operação; - Absorventes; - Perigos do óleo; - Disposição final de resíduos; - Avaliação do derramamento; - Embarcações; - Plano de Contingência; - Briefing sobre treinamento prático no mar; - Exercício simulado no mar; - Briefing sobre o simulado; - Pós Teste e avaliação; - Entrega dos Certificados e encerramento |

Quadro IV.1-4 - Conteúdo programático e carga horária do curso IMO III.

| CURSO IMO III | |
|---|---|
| Objetivo | Capacitar Coordenadores de SMS, Coordenadores de Ação de Resposta, Coordenadores de Operações em Terra, Coordenadores de Operações no Mar e Coordenadores de Logística. |
| Pré-requisito | Nenhum |
| Carga Horária | 24 h |
| Periodicidade | A cada cinco anos ou ter participado de simulado ou atendimento a um incidente de poluição por óleo |
| Conteúdo Programático | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Convenções Internacionais - Legislação Federal Brasileira - Física-Química do Óleo - Avaliação de Derramamento - Meio Ambiente - Estratégia de Resposta - Disposição de Resíduo - Segurança na Resposta - Plano de Contingência - Gerenciamento do Derrame de Óleo - Carta Náutica e Consideração do Table Top - Exercício Table Top - Análise e Discussões sobre o Exercício | |

IV.2 - EXERCÍCIOS DE RESPOSTA**IV.2.1 - Tipos de simulados**

Há três níveis diferentes de exercícios simulados de resposta:

Quadro IV.2.1-1 - Níveis de exercícios simulados

| | |
|---------|--|
| Nível 1 | Realizado trimestralmente, a bordo das unidades marítimas. Os PEI de cada uma dessas unidades ou campos apresentam as equipes envolvidas e o conteúdo dos exercícios nível 1 realizados. |
| Nível 2 | Realizado semestralmente, é coordenado pelo Coordenador das Ações de Resposta (envolve pelo menos uma unidade marítima da Bacia de Sergipe-Alagoas). |
| Nível 3 | Realizado anualmente, aborda exercícios completos de resposta e é coordenado pelo Gestor Central (envolve uma Unidade Marítima da Bacia de Sergipe-Alagoas). |

O Quadro IV.2.1-2 apresenta as equipes envolvidas e o conteúdo dos exercícios simulados de resposta nível 2 e 3. O conteúdo dos exercícios simulados de resposta de nível 1 é apresentado nos PEI dos campos e das Unidades Marítimas.

Quadro IV.2.1-2 - Equipes envolvidas e o conteúdo dos exercícios simulados de resposta níveis 2 e 3.

| PLANO DE EMERGÊNCIA PARA VAZAMENTO DE ÓLEO NA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS EXERCÍCIOS SIMULADOS NÍVEIS 2 e 3 | | |
|---|---|---|
| | Equipes envolvidas | Conteúdo |
| NÍVEL 2 | Coordenação das Ações de Resposta - Coordenador das Ações de Resposta - Grupo de Operações no Mar - Grupo de Operações em Terra - Coordenação de Logística | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Procedimento de comunicação do incidente; ▪ Procedimentos operacionais de resposta: <ul style="list-style-type: none"> - Contenção do derramamento de óleo; - Proteção de áreas vulneráveis; - Monitoramento da mancha de óleo derramado; - Recolhimento do óleo derramado; - Dispersão mecânica e química; - Limpeza de áreas atingidas; - Coleta e disposição dos resíduos gerados; - Mobilização/deslocamento de recursos; - Obtenção e atualização de informações relevantes; - Registro das ações de resposta; - Proteção da fauna. |
| NÍVEL 3 | EOR - Gestor Central - Coordenador de SMS - Grupo de Operações de uma Unidade Marítima - Coordenação das Ações de Resposta - Grupo de Operações no Mar - Grupo de Operações em Terra - Coordenação de Logística - Coordenação de Comunicações - Coordenação Financeira - Coordenação de Relações com a Comunidade | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Procedimento de alerta; ▪ Acionamento da EOR; ▪ Procedimentos Operacionais de Resposta: <ul style="list-style-type: none"> - Comunicação do incidente; - Interrupção da descarga de óleo; - Contenção do derramamento de óleo; - Proteção de áreas vulneráveis; - Monitoramento da mancha de óleo derramado; - Recolhimento do óleo derramado; - Dispersão mecânica e química; - Limpeza de áreas atingidas; - Coleta e disposição dos resíduos gerados; - Mobilização/deslocamento de recursos; - Obtenção e atualização de informações relevantes; - Registro das ações de resposta; - Proteção das populações; - Proteção da fauna. |

IV.2.2 - Execução dos simulados

A Figura a seguir apresenta as etapas de realização dos simulados.

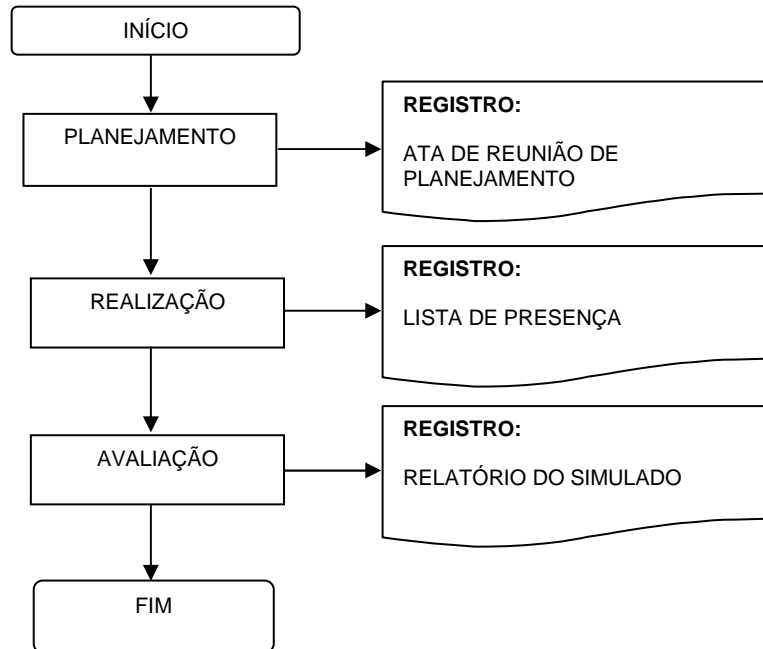


Figura IV.2.2-1 - Planejamento do simulado

IV.2.2.1 - Planejamento do simulado

O coordenador do simulado deve reunir as equipes, planejar e discutir a execução dos procedimentos operacionais de resposta, considerando os cenários acidentais previstos e atentando para os impactos ambientais e acidentes pessoais que possam ser causados pelo próprio exercício. O plano do simulado deve conter no mínimo as seguintes informações:

- Local, cenário acidental, ações das equipes, tempo previsto para chegada das equipes ao local e para controle total da emergência;
- Considerações sobre os riscos gerados pelo próprio simulado e o destino dos resíduos gerados durante a realização dos mesmos.

O planejamento deve ser divulgado pelo coordenador do simulado a todos os participantes.

Deve-se escolher um cenário acidental diferente a cada simulado, até completar o ciclo.

O registro desta etapa é a ata da reunião de planejamento e deverá estar apresentada no relatório do exercício simulado.

IV.2.2.2 - Realização do simulado

A realização dos simulados deve ocorrer de acordo com o planejamento feito e conforme os Procedimentos Operacionais de Resposta previstos neste Plano.

O registro desta etapa é a lista de presença assinada pelos participantes.

IV.2.2.3 - Avaliação do simulado

A avaliação do simulado é feita em reunião de análise crítica com todos os coordenadores envolvidos, cujo objetivo é avaliar:

- A eficácia das ações planejadas e executadas durante a simulação, organização e tempo das ações de resposta;
- A eficácia dos recursos materiais e humanos envolvidos;
- A integração das equipes;
- O uso do sistema de comunicação;
- A disponibilidade dos equipamentos de resposta.

O registro desta etapa é a avaliação realizada que deverá estar apresentada no Relatório do Exercício Simulado.

O relatório do exercício simulado deverá ser entregue ao órgão ambiental competente em até 30 dias após a realização do simulado e deverá contemplar no seu conteúdo:

- O nível do simulado;
- A unidade marítima fonte da emergência simulada;
- A data de realização do simulado;
- A ata da reunião de planejamento com lista de participantes;
- Os objetivos do simulado;
- A lista de presença dos participantes do simulado;
- A descrição sintática das ações desenvolvidas durante a realização do simulado;
- Os registros efetuados pelos integrantes da EOR durante o simulado; e
- O resultado da avaliação realizada.

O relatório do exercício simulado pode contemplar no seu conteúdo:

- Fotos;
- Mapas; e
- Outras informações relevantes associadas ao exercício simulado.

V - RESPONSÁVEIS TÉCNICOS PELA EXECUÇÃO DO PLANO DE EMERGÊNCIA PARA VAZAMENTO DE ÓLEO DA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS

O Responsável Técnico pela execução deste Plano é o Gestor Central do Plano de Emergência para Vazamento de Óleo.